

ASPECTOS DA GUERRA EM HOMERO

Prof. Me. Luciene de Lima Oliveira (UERJ)

RESUMO:

O presente artigo tem por escopo tecer considerações a respeito de acontecimentos e fatos que ocorrem na denominada 'Guerra Homérica'. Tendo por base a *Ilíada*, nota-se que, no campo de batalha, há o enfrentamento entre gregos e troianos em duelos singulares, em combates em massa ou à distância. Não obstante, paralelamente a esses tipos de pugnas, há também a presença de intervenções divinas, de súplicas, do medo, da ousadia, da alegria, da tristeza, do despojar das armas, de cortesias, de trocas de presentes, da morte gloriosa, da morte vergonhosa dentre outras coisas.

Palavras-chave: Homero; guerra; guerreiros; combate; morte

A *Ilíada* nos mostra uma sociedade, predominantemente, guerreira em que os combatentes, tanto do lado troiano quanto dos gregos, ora lutam em duelos singulares, ora em conjunto; existe também a presença do combate à distância.

A areté, a excelência do herói, se revela, sobretudo, em combates singulares. Para esses heróis, sucumbir em combate é a honra máxima, pois é a bela morte. O guerreiro alcança assim o kléos, a fama que o tornará imortal como pontua Vernant (VERNANT, 1979: 31-32).

Não há unanimidade entre os estudiosos a respeito de como seria o início dos combates. De acordo com Lang e Pritchett (apud CORRÊA, 1998: 75), a luta se dividia em dois instantes: primeiramente, os guerreiros, em formações cerradas, se encontravam e, depois do choque inicial, essas formações se dissolviam em duelos isolados.

Para Kirk, o fim da batalha entre os heróis homéricos parece, sobretudo, depender de uma série de combates singulares entre os principais chefes dos dois grupos rivais onde os guerreiros se lançam com todas as suas forças sobre a massa de inimigos numa explosão de triunfo individual e pessoal (KIRK, 1999: 145).

Vale ressaltar que a formação dos exércitos que possibilita o combate em massa recebe as seguintes denominações de stíx (Il. XI, 412-413), phálanx (Il. XIII, 126-134) e pýrgos? Il. IV, 347-8?.

Digno de nota é a descrição desse combate em massa entre os heróis homéricos, cuja formação cerrada e compacta lembra muito o que viria ser a falange hoplítica na segunda metade do século VII a.C. como se infere de *Ilíada* XIII, 126-134:

Em torno dos dois Ájaces, postavam-se phálanges compactas, que nem Ares, se as seguisse, reprovava, nem Atená que impele as tropas. Os melhores, os que se distinguiam, aguardavam os troianos e o divino Heitor.

130 Aproximando lança de lança, escudo de escudo solidamente fixado.

Escudo apoiava-se em escudo, elmo em elmo, homem em homem;

tocam-se elmos, guarnecidos de causa eqüina, com brilhantes cimeiras,

quando inclinavam a cabeça, tão unidos se postavam perto uns dos outros,

as lanças eram agitadas por mãos valorosas.

Com certeza, o combate singular mais esperado de toda a epopéia era o duelo entre o maior herói aqueu, Aquiles e o maior herói troiano, Heitor (Il. XXII, 248-330). O poeta retrata a expectativa de Heitor esperando Aquiles (Il. XXII, 91-3); o duelo entre Heitor e Aquiles é narrado através de símiles em que o segundo elemento da comparação são animais:

O Pelida, com pés velozes, estimulado, lança-se com ímpeto. Como um falcão dos montes, o mais ágil dentre os voadores, facilmente, cai sobre a pomba tímida, ela foge, ele grita de modo agudo, lança-se profundamente, o coração exorta capturá-la; Assim o Pelida impetuoso voava em linha reta, Heitor fugia.

(Il. XX, 138-143)

Aquiles, veloz, perseguia Heitor depressa. Como quando um cão nos montes põe em fuga um filhote de corça,

tirando do ninho, através de desfiladeiros e vales; Se escapasse dele, apavorada debaixo de árvore, mas rastreando, segue firme, até que a encontre; Assim Heitor não escapa do Pelida, de pés ligeiros. (Il. XXII, 188-193)

De acordo com Nicole Loraux, não se deve interpretar a rivalidade entre os dois melhores guerreiros como se fosse um agón, em que se disputa algum prêmio, pois o que está em risco é a própria vida. É um encontro mortífero entre os dois guerreiros rivais em que um deles sucumbirá lutando (LORAUX, 1989: 99-

100).

Sublinhe-se que o helenista Kirk, ainda, enfatiza que o combate à distância é em grande parte passado sob silêncio (KIRK, 1999: 142-150).

Assim, além do combate em massa e do duelo singular, há, na Ilíada, referência ao combate à distância com a presença de arqueiros, mas somente alguns poucos são nomeados. Citem-se, por exemplo, Pândaro que recebeu o arco de Apolo (Il., II, 826-7) e Páris entre os troianos; Teucro, irmão bastardo de Ájax, Telamônio, era um exímio arqueiro entre os aqueus (Il., XII, 363).

Jaeger salienta que os heróis da Ilíada, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes de sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo, grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos (JAEGER, 2001: 41).

Nos poemas homéricos, apesar do carro de guerra estar sempre presente, os cocheiros conduziam os carros para transportar, de modo rápido, o guerreiro nobre até ao campo de batalha, mais precisamente, até às primeiras linhas por causa do peso dos acessórios bélicos.

Os guerreiros combatiam a pé, entretanto, mesmo nas batalhas, certos episódios mostram um herói que combate do alto de seu carro em movimento ou em guerreiro que estava a pé que tem por objetivo ferir um guerreiro que estava no carro, os exemplos são vários (Il. V, 38-9; Il. V, 219; Il. V, 217-296).

Romilly atesta que talvez o uso do carro só tenha existido no universo poético de Homero, pode ser que ele tenha ouvido falar dos carros à distância e teria adaptado a sua função com o objetivo de exaltar o valor individual dos heróis. É difícil imaginar essa locomoção de carros, com a confusão que devia provocar (ROMILLY, 2001: 31).

Vidal-Naquet também tem uma opinião parecida com Romilly em relação ao uso do carro no campo de batalha. O aedo sabia que o carro fora um instrumento de guerra, o que já não ocorria no seu tempo, entretanto, Homero associou seus heróis ao carro, mas estes não serviam mais para a luta (VIDAL-NAQUET, 2002: 52).

No âmbito do combate, o herói aristocrático parece obsecado por dois valores essenciais, dois tipos de glória: o kydos e o kléos? como enfatiza Detienne (DETIENNE, 1995: 19)?

Kydos é uma espécie de graça divina e instantânea, é uma glória que ilumina o vencedor, sendo concedida a uns e negada a outros. Esta glória, kydos quem dava eram os próprios deuses olímpicos, isto é, emana dos deuses (Il. V, 33, 260-1; Il. XI, 78, 300).

A Ilíada nos dá inúmeros exemplos de guerreiros atrás da fama, renome

para si, kydos (Il. V, 260-1; Il. VII, 204-5; Il. XII, 407-408).

Dividir a façanha era praticamente impossível para o herói homérico, um exemplo muito claro foi quando Aquiles ao perseguir Heitor, faz um sinal para que os outros guerreiros aqueus não lançassem nenhum dardo que atingisse Heitor, o semideus não queria ficar em segundo plano, queria ele sozinho matar o maior guerreiro troiano (Il. XXII, 207-9). Afinal, o seu próprio pai Peleu o aconselhou a se destacar acima dos outros (Il. XI, 786-7).

Kléos é a glória imorredoura que tantos heróis almejavam, cujas façanhas passavam de geração em geração (Il. VI, 459-461; Il. VII, 55-6, 89-91).

Para aqueles guerreiros que a *Iliada* se refere como ándres, os homens que, simultaneamente, são machos e corajosos, se morressem no campo de batalha na flor da idade, como um anér agathós, um homem valente teriam uma bela morte, kalòs thánatos, pois renunciaram à covardia, assegurando um renome indefectível conforme já foi supracitado.

O helenista Charles Segal pontua que aquilo que é “memorável” torna-se kléos, isto é capaz de resistir ao tempo, depois de ter sido “ouvido”. Em Homero, a pior desventura para um homem é morrer akleés, sem deixar uma história que possa perpetuar a sua memória numa comunidade (in: VERNANT (org.), 1991: 176).

A narrativa épica distingue os grandes heróis daqueles guerreiros de menor importância, há inúmeras mortes de anônimos, que só surgem para serem mortos, na verdade, não se matam os grandes heróis de que o relato tem necessidade, com exceção de Pátroclo, uma vez que sua morte foi necessária para que Aquiles retornasse ao combate.

Há guerreiros quase anônimos que, às vezes, Homero oferece uma simples biografia e nada mais (Il. V, 541-560; 576-580; 584-5; 611-6; Il. VI, 18-36; Il. VII, 9-11; Il. XI, 217-246).

Páris, no ato, matou Menésio, procedente do Arne,
filho do rei Areitoo, porta clava, e
Filomedusa, olhos de toura. (Il. VII, 9-11)

Quando um guerreiro morre, Homero relata com minuciosidade o momento de sua morte (Il., IV, 51-3; 478-487; Il. V, 291-6; 538-540; Il. XXII, 326-330).

E Diomedes arremessou a lança.
por Atena guiado, o dardo transpassou
a Licaônio, perto do olho, o nariz; pelos
dentes alvos entrou-lhe e a língua lhe cortou, ferindo-a
na raiz; o duro bronze sai-lhe pelo queixo abaixo. (Il. V, 291-

295)

Deve-se destacar algo interessante que ocorreu em pleno campo, Zeus, prevendo a morte iminente de seu filho Sarpédon pelas mãos de Pátroclo, faz chover sobre a terra um orvalho de sangue. Na verdade, essa chuva de sangue fora em honra a Sarpédon (Il. XVI, 459-460).

Se sob o ponto da perspectiva heróica, o permanecer em vida é pouco importante, sendo essencial o “bem morrer”, sob a mesma perspectiva, o essencial não é somente matar o inimigo, mas também despojá-lo da bela morte e de suas armas, quando a luta entre os guerreiros se tornava uma verdadeira selvageria, confirmando, assim, a sua areté, “excelência” no campo de batalha.

Há três tipos de ultrajes: o primeiro tem por objetivo sujar o corpo ensanguentado de poeira e terra, dilacerar sua pele para que o cadáver perca sua aparência, seus traços, cor e brilho, a fim que o cadáver se torne irreconhecível. O corpo de Heitor ficou todo sujo de poeira (Il. XXII, 401-3).

Um outro tipo de ultraje é esquarterar, dividir o corpo: Ajax, corta a cabeça de um inimigo e a arremessa como uma bola na poeira (Il. XIII, 202), Heitor tinha a idéia de cortar a cabeça de Pátroclo e espetá-la numa cerca (Il. XVIII, 176-8), Agamêmnon corta as mãos e a cabeça de um inimigo e a joga no meio da multidão (Il. XI, 146-7).

O terceiro ultraje é não enterrar o cadáver, deixando apodrecer por si, sendo comida de vermes e moscas que entram pelas feridas abertas. Aquiles fica preocupado de acontecer isso com o cadáver de Pátroclo, mas Tétis faz com que destile do nariz de Pátroclo a ambrosia e o néctar, para conservar sua carne (Il. XIX, 23-39).

Não foi só Pátroclo que teve o cuidado de uma deusa com o seu cadáver, Zeus ordenou a Apolo que limpasse o corpo de Sarpédon que estava irreconhecível coberto de poeira e sangue, e levasse seu cadáver para a Lícia, onde receberia funerais digno de um herói (Il. XVI, 667-675).

Salienta-se que a guerra e o medo são dois vocábulos que estão interligados. Convém lembrar que o velho rei de Pilos, Nestor, ao arrumar os guerreiros que iriam ao campo de batalha, colocava, primeiramente, os cavaleiros com carros e cavalos na frente do exército, os corajosos atrás e os covardes no meio do exército. À primeira vista, pode-se parecer estranho tal arrumação, mas os covardes eram justamente postos no meio do exército para que, mesmo contra a vontade, fossem obrigados a lutar (Il. IV, 297-300).

Há exemplos de guerreiros como, por exemplo, Ajax Telamônio ser acompanhado pelos hétairoi, isto é, companheiros que lhe tomavam o escudo, toda vez que ele era vencido pela exaustão e suava. Os guerreiros que serviam a Ajax lutavam com ardor entre os guerreiros das primeiras fileiras. (Il., 705-720).

Apesar de, no campo de batalha, haver barulhos terríveis de armas, gritos, clamores, espantos, muitas mortes e a terra manchada por muito sangue (Il. IV, 450-451), o guerreiro valente deve agüentar firme, resistir, uma vez que a verdadeira

coragem se mostra mesmo numa situação de perigo para melhor a exercitar.

No campo de batalha, nada é mais vergonhoso do que fugir, tremer ou morrer ferido pelas costas (Il. V, 39-41; 65-8). Odisseu em seu “diálogo interior”, diante de uma situação difícil, diz que se ele fugisse seria um grande mal (Il. III 404) e ressalta que o valente deve resistir firme “quer fira, quer seja ferido” (Il. XI, 409, 410).

Na Ilíada, Homero enumera todas as nuances do medo. A cor amarelada ou verde, por exemplo, vai ser sinônimo de medo, como a cor verde de Dólón, o espião dos troianos como se podem comprovar nos versos subscritos:

Dólón estaca atônito, tatibitate,
os dentes a bater na boca, verde-cloro
de pavor; arquejando, aferram-no os dois, mãos
e braços; ele todo-lágrimas. (Il. X, 374-377)

É característica peculiar do herói homérico usar, antes dos atos, palavras de intimidação, troca de desafios e insultos para que o adversário tenha medo e fuja. Citem-se, por exemplo, o “duelo verbal” entre Glauco e Diomedes (Il. VI, 119-151), entre Ajax, Telamônio e Heitor (Il. VII, 224-243), entre Menelau e o filho de Pântoo (Il. XVII 10-42), entre Aquiles e Enéias (Il. XX, 177-210).

De acordo com Vidal-Naquet, a noite não é o momento da guerra heróica, é o momento do disfarce, da astúcia, da emboscada. Tudo isso está ilustrado na chamada “Dolonia” no Canto X (VIDAL-NAQUET, 2002: 59).

Exemplo interessante de que à noite não era momento de luta, encontra-se no canto VII, 278-282. O guerreiro troiano Ideu, bom conselheiro, diz a Heitor e Ajax Telamônio o seguinte discurso:

Basta caros filhos, de combate e de luta.
O ajuntador de nuvens, Zeus, ama a vós ambos.
Sois denodados, ambos. Todos nós sabemos.
Mas a noite já vem; cumpre guardar a noite.

Deve-se lembrar que esse duelo singular entre Ajax Telamônio e Heitor termina com uma troca de presentes, na verdade, fora Heitor quem propôs esta troca:

Troquemos, pois dons memoráveis,
para que alguém, troiano ou grego, possa vir
a dizer: ‘Combateram os dois na peleja
devora-corações. Separaram-se amigos.
Falou. E deu a espada ao Dânao, cravejada
em prata, com talim bem-trabalhado e bainha;

Ájax o cinturão – púrpura fulgurante –
lhe ofertou. Separaram-se então. (Il. VII, 277-305)

É bom mencionar que, quando Glauco e Diomedes descobrem que suas famílias estavam ligadas por laços de hospitalidade, trocam as armas (Il. VI, 226-234), todavia, as armas do lício tinham mais valor, pois eram *teúkhe* ... *khrysea* – “armas de ouro”, ao contrário das armas do filho de Tideu que eram *khalkeíon*, “de bronze” (Il. VI, 235-6). Interessante também é o fato dos dois guerreiros travarem uma longa conversa em pleno campo de batalha como se só existissem os dois.

Como salienta Romilly, não se deve esquecer que os heróis da epopéia, mesmo na Ilíada e mesma na guerra, cultivam virtudes maravilhosamente humanas, sendo a mais notável a hospitalidade. Mais ainda: uma vez estabelecidas, as relações de hospitalidade entre dois heróis criam laços indestrutíveis, que se transmitem de pai a filho. Mesmo em plena batalha tais laços podem impedir dois homens de enfrentar-se. A civilização da epopéia não ignorava, então, as atenções para com o próximo (ROMILLY, 1984: 37).

Sublinhe-se que ao mesmo tempo que Aquiles é vingativo e sanguinário, a ponto de fazer sacrifícios humanos em honra a Pátroclo (Il. XXIII, 179-182), ele também é retratado como carinhoso, alguém que tem compaixão como nas palavras de Ajax Telamônio: “ele foi cruel com o espírito bondoso que há em seu peito” (Il. IX, 629).

Vemos a *philotes* de Aquiles, pela primeira vez, no Canto I, quando instigado por Hera, ele convoca o exército e sugere uma consulta ao adivinho (Il. I, 62-3), para entender o por quê das pragas que assolava o exército aqueu.

No último Canto da Ilíada, quando Aquiles é tocado pela súplica desesperada de Príamo (Il. XXIV, 509-11), põe fim à sua cólera. Sua *philotes* aparece no mais alto grau: recebe o pai de seu maior inimigo em sua tenda, oferece-lhe hospitalidade e devolve o cadáver de Heitor, para que honras fúnebres lhe fossem prestadas.

Convém lembrar que o filho de Tétis e de Peleu tinha uma personalidade forte; outros heróis condenavam seus excessos (Il. IX, 510-2) e, de acordo com o velho Fênix, até os deuses eram mais flexíveis do que Aquiles (Il. IX, 496-8). A *mênis*, a cólera, constitui uma das características principais e básicas do *êthos*, do caráter do personagem.

Para Seth L. Schein, a cólera que Aquiles sente, possuía uma força e intensidade mais do que humana, é como se fosse um poder demoníaco que o colocava num lugar diferenciado dos outros heróis (SCHEIN, 1984: 91).

A propósito, Zeus não somente protege os hóspedes e os suplicantes, mas também requer o respeito aos juramentos, e é, em nome do soberano do Olímpo, que os reis mantêm o direito (Il. I, 238-239). Violar um pacto é um ato que ele punirá (Il. IV, 160 ss.).

Em relação aos preparativos dos heróis para a refrega, a epopéia, mais precisamente na *Ilíada*, há ênfases completas e detalhadas de um guerreiro armando-se para a batalha como Páris (Il., III, 330-9), Agamêmnon (Il., XI, 16-45) e Aquiles (Il., XIX, 364-91).

Paris, senhor de Helena, cabelos lindíssimos,
reveste-se de esplêndida armadura. As cnêmides,
primeiro, ajusta em torno às pernas com fivelas
de prata. Então, enverga a couraça do irmão,
Licáone, que se amolda, perfeita ao seu tórax.

335 Espada brônzea, claviargêntea, leva à espádua.
Segura um mega escudo e, na cabeça, traz
o elmo lavrado, de cauda eqüina, de penacho,
temível. Brande lança que à sua mão se amolgue. (Il., III, 330-9)

Notai que, nos versos supracitados, várias são as referências a respeito de alguns utensílios bélicos que foram descritos, tais como, lança, espada, capacete, escudo, couraça e grevas.

Há um exemplo interessante a respeito do guerreiro Nastes, que é um paradigma de combatente armado inadequadamente, pois, ao invés de sobressair o brilho de suas armas, o que sobressaiu foram as suas jóias como comprovam os versos 871-875 de *Ilíada* II:

Nastes e Anfímaco, filhos ilustres de Nómion,
Nastes, possuindo ouro, foi à guerra como uma moça.
873 Tolo! Não escapou da morte perversa,
mas foi morto no rio pelas mãos do descendente de Éaco, de pés
ligeiros,
Aquiles que, sendo prudente, levou consigo o ouro.

Já, no que diz respeito às armas dos heróis homéricos, quando o guerreiro está vivo, o que devia resplandecer em seu corpo é o bronze que brilha de suas armas (Il. XVI, 130), a chama que sai de seus olhos (Il. XIX, 366). Quando Aquiles reaparece no campo de batalha, sua nova panóplia, isto é, o seu novo equipamento bélico brilhava. O próprio rei Príamo ficou admirado ao ver Aquiles todo resplandecente (Il. XXII, 25-32), afinal, o bronze resplandecia “semelhante ao fulgor do fogo flamejante ou do sol levante” (Il. XXII, 134-5).

Tendo por base o comportamento impróprio de Nastes, conclui-se que o campo de batalha era um local inapropriado para os guerreiros ostentarem seus adereços como se fossem do sexo feminino.

É uma atitude comum do herói despojar as armas do adversário, quando este já se encontra inerte no chão (Il. XI, 98-110; Il. XI, 240-7) e, se possível, ultrajar também seu cadáver; por isso, quando um guerreiro morre na refrega, seus companheiros fazem grandes esforços para proteger e resgatar seus cadáveres, para que fosse chorado e lastimado; evitando também, o máximo possível, o despojamento das armas do morto. Heitor, mesmo ferido, suplica a Aquiles que não entregasse seu corpo aos cães e o restituísse aos seus parentes para que pudesse receber as honras fúnebres (Il. XXII, 338-342).

Os exemplos de proteção aos cadáveres e, conseqüentemente, às armas do guerreiro abatido são inúmeros: Ájax, Telamônio, ao matar Ânfito, corre para despojá-lo, mas os troianos o afastam do cadáver (Il. V, 617-626); Antíloco também não consegue despojar um troiano, pois Elefénor puxa o cadáver pelos pés para o campo dos troianos (Il. IV, 463-6). Enéias, devido a sua ânsia de proteger um cadáver, chegou a ser comparado a um leão. O filho de Afrodite agitava a lança e o escudo, ávido para matar, caso alguém lhe opusesse (Il. V, 297-301); Menelau e Antíloco arrastam os cadáveres dos gêmeos para o campo dos aqueus, com receio dos troianos e aliados os despojarem (Il. V, 571-5).

Na verdade, expressões tais como *klutà teúkhea* – “armas nobres, ilustres” (Il., V, 435; XVII, 125), *teúkhea kalá* – “belas armas” (Il., XI, 110; 247), *teúkhe’ ... aióla pamphanónta* – “armas policromas, esplêndidas” (Il. V, 294-5) e *khalkérea teúkhea* – “armas brônzeas” (Il. XV, 544) fazem com que os acessórios bélicos sejam objetos de cobiça por parte dos guerreiros homéricos e, além do mais, portar as armas do adversário abatido é uma espécie de troféu para aquele que despoja. Heitor, depois de muita persistência e luta, consegue despojar Pátroclo, conforme já foi mencionado (Il. XVII, 125-128), e conquista méga kléos, “grande glória” (Il. XVII, 130-1) (OLIVEIRA, 2006: 77).

No diálogo com sua mãe, percebe-se o duplo sofrimento e desespero de Aquiles, uma vez que, além de Heitor ter matado o seu melhor amigo, o príncipe troiano havia deixado Pátroclo completamente *gymnón*, “nu” no campo de batalha (Il. XVII, 122). Afinal, as armas do Pelida eram, conforme as suas próprias palavras, *pelória*, “extraordinárias”, *thaúma*, “admiráveis”, *kalá*, “belas”, *aglaá*, “nobres” e foram presentes dos deuses a seu pai (Il. XVIII, 79-84).

Faz-se, então, mister lembrar a contenda entre Ájax, Telamônio e Odisseu pelas armas de Aquiles (Od. XI 469-568). Na verdade, a rixa entre o filho de Telamôn e o filho de Laertes era uma competição de aristéia, ou seja, de uma superioridade toda pessoal, de heroísmo.

Em relação à atuação dos deuses, a helenista Maria Helena da R. Pereira pontua que os deuses misturam-se com os homens na *Ilíada* e, algumas vezes, aparecem-lhes disfarçados, mas são reconhecidos. Combatem junto dos heróis que protegem e advertem dos perigos, como neste exemplo da *Ilíada* (PEREIRA, 1993: 113):

Então acercou-se de Heitor Febo Apolo e disse-lhe:
“Heitor, não lutes mais com Aquiles na frente da batalha,
recebe-o antes no meio da multidão e do fragor do combate:
quando não, ele pode atingir-te ou dar-te com a lança”.
Assim falou, e logo Heitor, receoso, mergulhou no tumulto
Guerreiro, quando ouviu a voz do deus que lhe falara. (Il. XX, 375-380)

Já Romilly destaca que, na epopéia, cada evento humano se desenrola em dois planos ao mesmo tempo e os deuses intervêm em tudo. Um aspecto notável é que os deuses que os dois campos conhecem são os mesmos, mas suas simpatias individuais variam. Uns são a favor dos aqueus, outros, a favor dos troianos, sendo suas razões sempre pessoais e egoístas (ROMILLY, 1984, p. 33). Hera, Atena e Poseidón estão do lado dos aqueus, já Apolo apóia aos troianos.

Todo o Canto XX – denominado pelos antigos de Theomachia - mostra os deuses no campo de batalha, muitas vezes em antropomorfismos. As divindades se enfrentam, muitas vezes, em verdadeiros combates (Il. XX, 67 ss.); tanto ferem quanto são feridos, Afrodite e Ares, por exemplo, são feridos por Diomedes (Il. V, 330-342 e 353-358).

Como se infere da leitura da *Ilíada*, várias são as informações que se podem colher a respeito de fatos que ocorrem na ‘Guerra Homérica’: tipos de combates variados, momentos de dor e de alegria, momentos de livramentos da morte, momentos da ‘bela morte’ e da ‘feia morte’, momentos de avançar ou de recuar... Ao mesmo tempo que os heróis homéricos são tão hostis, violentos e cruéis diante de seus inimigos, possuem também atitudes de cortesia, de compaixão e de gentileza entre eles.

Referências Bibliográficas:

- CLAUDE, Mossé. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1984.
DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
FINLEY, M.I. *Os Gregos Antigos*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1963.
HOMERO. *Ilíada*. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
_____. *L' Odyssé*. Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1947.
LORAUX, Nicole, *Les Experiences de Tirésias: Le Féminin et L' homme Grec*. Paris: Gallimard, 1989, p. 77-123.
OLIVEIRA, Luciene de Lima. *Os Equipamentos Bélicos dos Heróis Homéricos*. Principia, Rio de Janeiro, XIV, 69-79, 2006.
PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. Volume I Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian, 1993.

- ROMILLY, Jacqueline de. *Homero- Introdução aos Poemas Homéricos*. Tradução de Leonor Santa-Bárbara. Lisboa: Edições 70, 2001.
_____. *Fundamentos de Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
SCHEIN, Seth. L. *The Mortal Hero*. London: University of California Press, 1984.
VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Tradução de Mário Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento Entre os Gregos*. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
_____. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis B. da Fonseca. São Paulo: Difel, 2002.
VIDAL-NAQUET, Pierre. *O Mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto.